

Encurralado (2)

Francisco de Almeida

Outra ocasião memorável em que estive refém do tempo deu-se a 23 de Agosto de 2003. Esse Agosto foi único: a semana do campeonato nacional teve uma meteorologia inesperada e espectacular (ver narrativa de J Aguiar e F Almeida) e outros dias excelentes voltaram a marcar presença na terceira e quarta semanas do mês.

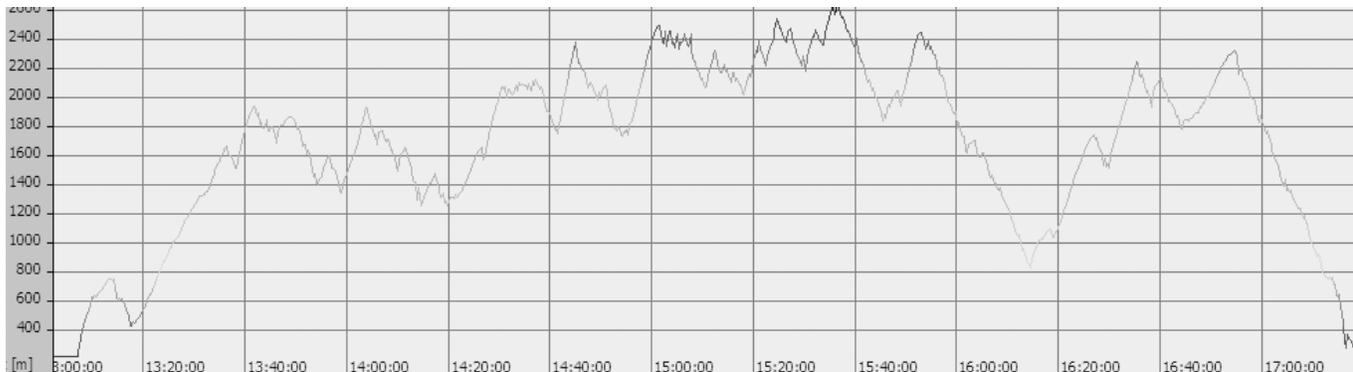
Escrevi na altura: "*no sábado [23/8...] um belo vôo do Ricardo Fernandes, Évora-Castelo Branco-Évora no LAK-12. Da minha parte, um passeio cujos sinuosos quatrocentos quilómetros não iludem o facto de que quinhentos eram possíveis.*"

Contarei agora a verdadeira peripécia por trás deste vôo.

Descolámos ambos de Évora por volta das duas da tarde e deitámos rumo a Estremoz, o Ricardo no LAK-12 e eu no LS-7. O céu cobriu-se de nuvens e as térmicas tinham intensidades muito variáveis. Desprezando as ascendentes mais fracas, ganhei algum avanço sobre o LAK e logo perdemos contacto devido à nubosidade intensa. O Ricardo seguiu, como se soube, até Castelo Branco, tendo retornado a Évora por volta as sete da tarde - um vôo de mais de trezentos quilómetros!

Quando me encontrei sozinho, decidi explorar as áreas mais remotas da Extremadura espanhola. Já tinha penetrado diversas vezes em Espanha numa profundidade de 200 km quer na direcção de Cáceres e do Alto Guadiana, quer para sudeste rumo a Sevilha, mas ainda não havia tido oportunidade de explorar a zona inóspita e desolada que se estende para além de Badajoz à mesma latitude de Évora.

Sem objectivo fixo, foi um vôo de puro lazer, descontraído, a admirar a paisagem. Havia estradas de nuvens, curtas e descontínuas por resultarem mais das características da topografia que do vento. Era forçoso saltar de alinhamento em alinhamento, o que se fazia com facilidade. As próprias estradas também estavam em movimento, caminhando progressivamente para norte: sinal de um aumento de intensidade do vento de quadrante sul.



Dei meia-volta em Medina de las Torres e fiz rumo a Évora. A base das nuvens que chegara a 2500m MSL decrescia na direcção de Portugal e todas as nuvens, desapareceram a cerca de vinte quilómetros da fronteira. A partir desse ponto, as atmosfera estava não apenas azul, mas morta. O motivo saltava à vista: o vento de sul trouxera consigo uma mudança de tempo, visível sob a forma de uma massa de ar mais opaca que ocupava já o Algarve e Baixo Alentejo. A invasão era liderada por cirrus em altitude que haviam eliminado a actividade térmica.

Com a altitude que tinha, cerca de 1400 metros, o Esporão estava assegurado mas era completamente impossível voltar a Évora numa linha recta. A tarde estando já avançada, o desaparecimento das térmicas na planície era irreversível.

Havia no entanto um arco de cumulus ainda activos na direcção de Elvas e da Serra de Ossa, que os cirrus ainda não tinham neutralizado. Valia a pena tentar alcançar essa fonte convectiva? Teria altura suficiente para lá chegar? Haveria ainda térmicas desde o solo, ou apenas a convecção em altitude que por vezes sustenta cumulus congestus ao entardecer? Uma escolha difícil: tratava-se de um desvio de 90 graus em relação ao meu objectivo final, numa direcção em que não há quaisquer pistas de aviação. Para perseguir uma quimera, abandonava a segurança da pista do Esporão em troca de uma provável aterragem nalgum terreno desconhecido muito mais distante de Évora.

Decidi no entanto tentar esse último recurso. À velocidade de planeio máximo, percorri os cerca de trinta e cinco quilómetros até às nuvens, sempre em ligeira descendente. Nem sobre Olivença e os Montes de Alconchel encontrei o mais ligeiro movimento ascendente! Finalmente, com apenas 600 metros, atingi a zona de contraste térmico sob a primeira linha de nuvens, onde felizmente encontrei convecção moderada. Tendo ganho pacientemente a primeira centena de metros, empreendi uma busca de novos núcleos mais fortes e após meia hora atingi a base das nuvens.

Tratava-se a partir daí de seguir ao longo da linha de convecção, na direcção de Estremoz, até alcançar uma posição de menor distância a Évora em linha recta, de onde iniciei o planeio final de 60 km com 2100 metros, a altura máxima que as condições permitiam. Não estava seguro de aterrar em Évora, dado o vento de frente e as descendentes que se poderiam esperar no percurso. De facto, o planeio final foi feito a uma velocidades-ar de 150 a 170km km/h devido às descendentes. Contra todas as expectativas, ainda tive altitude para fazer um circuito!

